

O signo lingüístico e as imagens históricas: a criação de sinais-termos na LSBEduardo Felipe Felten¹Enilde Faulstich²

Resumo: Esta pesquisa trata da criação de sinais-termos na Língua de Sinais Brasileira - LSB, a partir de imagens que representam fatos históricos. Para o historiador, a escrita da história implica velar a memória do acontecido e, para que o acontecido seja melhor compreendido pelos surdos brasileiros, as imagens históricas, que possuem um valor textual, precisam ser representadas por sinais. As representações imagéticas - união do sentido e da imagem - possuem um significado semântico rico, capaz de atribuir aos sinais conteúdo histórico e social, numa correlação múltipla entre ideias e conceitos. Assim sendo, um determinado momento histórico pode ser apresentado por uma interpretação plural e por formas mais ricas de representar, de acordo com o público-alvo. É preciso acentuar que os sinais na LSB são parte também de um sistema de signos, que se forma pelos estímulos visuais imagísticos. A LSB, por ser uma língua de modalidade visual-espacial, motiva um tipo de iconicidade cognitiva. Com base nessas ideias, conduzimos nossa investigação, com vistas a que a compreensão da história pelos estudantes surdos possa ser feita pelos recursos que a LSB oferece.

Palavras-chaves: Linguística, história, língua de sinais brasileira, léxico, iconicidade.

Abstract: This research deals of the creation of signs-terms in the Brazilian Sign Language - LSB, from images that represent historical facts. For the historian, the writing of history involves ensuring the memory of what happened and that happened to be better understood by Brazilian deaf, through historical images, which have a textual value, need to be represented by signs. The imagistic representations - union of sense and image - have a rich semantic meaning, able to assign signals to historical and social content, a multiple correlation between ideas and concepts. That way, a particular historical moment can be submitted by a plural and richer ways of representing interpretation, according to the target audience. It must be stressed that the signals in LSB are also part of a system of signs that forms the imagistic visual stimuli. The LSB, as a language of visual-spatial modality, motivates a kind of cognitive iconicity. Based on these ideas, we conducted our investigation with the view that an understanding of history by deaf students can be made by the resources that the LSB offers.

1 Especialista Educação Inclusiva pelo Instituto de Educação Superior de Brasília e mestrando em linguística pela Universidade de Brasília. Possui graduação em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina e graduando em História pela Universidade de Goiás-UEG. Atualmente é professor/intérprete de libras - Secretaria de Educação do Distrito Federal-SEDF e do Instituto Federal de Goiás-IFG.

2 Pós - doutorado (Pós-doc) em Linguística e Políticas Linguísticas pela Université Laval de Québec, Canadá. Fundadora do curso de Licenciatura em Português do Brasil como segunda Língua (PBSL). É coordenadora do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro Lexterm - da UnB: <http://www.lexterm.unb.br> e do Laboratório de Linguística de Língua de Sinais - LabLibras - da UnB. É coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua para Estudantes Surdos. Membro da Cátedra Cyprian Norwid, criada no âmbito da Universidade de Brasília, em 2011, e vinculada ao Instituto de Letras. E-mail: enildef@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a criação de sinais-termo na Língua de Sinais Brasileira (LSB) tem ganhado força e reconhecimento a partir de pesquisas realizadas no Centro de Estudos Lexicais e terminológicos - Centro Lexterm e do Laboratório de Linguística de Língua de Sinais - LabLibras da Universidade de Brasília - UnB.

A LSB está em constante mudança, atualização, e a necessidade de criar termos que supram a carência dos surdos em diferentes contextos cresce na mesma proporção. Este estudo não se trata de uma tradução de termos da História do Brasil para a LSB, mas de um estudo sério sobre a relação entre signo, significado e o conceito desses termos, pois, a “terminologia só pode ter escolpo a que tem direito como um resultado do seu confronto com muitas posições mais ou menos teorizadas sobre a língua e os signos” (REY, 2001, p. 329). A relação das imagens históricas e o conteúdo semântico, podemos entender conforme explica Walther-Bense (WALTHER-BENSE, 2000, p. 15) que, “são signos icônicos, por exemplo, os retratos, os padrões, as estruturas, os modelos, os esquemas, os diagramas, as metáforas, as comparações, as figuras, as formas (lógicas, poéticas etc)”.

O Trabalho de pesquisa que baseou este capítulo procurou compreender a relação linguística disponíveis com os conceitos representados nas obras imagísticas de (5) *Independência ou Morte (1888)* e (4) *Fala do Trono (1872)*, de Pedro Américo, retrato de *d. Pedro I*, de (1) Manuel de Araújo Porto-Alegre e outra de (2) Simplício

Rodrigues de Sá e fotografia de *d. Pedro II*, de (3) Francesco Pesce. Tais imagens refletem “expressões públicas, associadas ao mundo da política e a noção de acontecimento histórico”. Além disso, é fundamental “ultrapassar a ideia simplista da história por detrás da foto, apontando para o argumento da foto que faz a história” (MUAD, 2008, p. 197).

Serão apresentados os sinais-termos que correspondem ao conceito dos termos *D. Pedro I*, *D. Pedro II*, *Independência do Brasil* e *Imagens Históricas* no contexto da História do Brasil, bem como o processo científico realizado para resultar estes sinais. Discutiremos as relações e associações existentes entre a teoria dos signos linguísticos de Peirce, as imagens na História e a lexicologia que envolve este estudo, assim, vemos “que a língua nos ajuda a categorizar as experiências que a vida nos proporciona”.

METODOLOGIA

A criação de sinais-termo na LSB não é uma tarefa fácil. Exige do pesquisador arcabouço teórico e um trabalho de pesquisa muito bem elaborado, pois exige a aplicação da terminologia que “estuda a forma e o conteúdo dos termos nas linguagens de especialidade” (FAULSTICH, 2011), no caso, a História do Brasil. Este estudo refere-se à “forma e o conteúdo dos termos com base nos significados que adquirem” pragmaticamente “em linguagens de especialidade organizadas sob a forma conceitual” do português a resultar um sinal-termo correspondente na LSB. Esse planejamento reforça o estudo das categorias linguísticas e conceituais de Delbecque (2008, p. 35) quando a

autora defende que “um signo, por exemplo, uma palavra, é a combinação de uma forma e de um significado que equivale *grosso modo* a um conceito”.

Para a organização deste conteúdo, é necessário o trabalho de um terminógrafo que “fornece informações constantes acerca de um termo”. Além disso, faz-se necessário o uso de fichas terminológicas onde comportam as informações necessárias para a análise do termo e para a organização de um glossário. Vejamos um exemplo da ficha terminológica de Faulstich (FAULSTICH, 2014, com adaptações) do termo *D. Pedro II*:

Foram elaboradas fichas semelhantes a essa para a

análise de cada termo: *D. Pedro I*, *D. Pedro II*, *Independência do Brasil e Imagens Históricas*.

Após o estudo de cada termo e da criação dos sinais-termo correspondentes, esses sinais passaram por uma validação pelos surdos acadêmicos do Laboratório da Língua Brasileira de Sinais - LabLibras da Universidade de Brasília-UnB e pelos estudantes do ensino fundamental, séries finais, escola da rede pública de ensino do Distrito Federal, Brasil. Essa validação se dá pela apresentação dos conceitos dos termos de especialidade, o sintagma do português, a imagem-retrato ou histórica e o sinal-termo. Todo esse caminho é necessário para que o surdo

FICHA TERMINOLÓGICA	
1. Número 02	
2. Entrada	D. Pedro II
3. Categoria gramatical	substantivo
4. Gênero	masculino
5. Variante(s)	Imperador do Brasil; Pedro de Alcântara;
6. Sinônimo(s)	
7. Definição	Imperador do Brasil durante o Segundo Reinado (1840-1889).
8. Fonte da def.	
9. Contexto	<i>"d. Pedro II não nasceu, foi fundado; tornou-se patrimônio nacional"</i> .
10. Fonte do cont.	SCHWARCS, Lilian Moritz. <i>As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 45.
11. Remissivas	
12. Hiperônimo(s)	Imperador do Brasil;
13. Hipônimo(s)	Segundo império;
14. Equivalente(s)	
15. Esp.	D. Pedro II
16. Fra.	D. Pedro II
17. Eng.	D. Pedro II
18. Libras	CM nº 24 bigode CM nº 45 barba comprida
19. Nota(s)	<i>"D. Pedro II se afigura o monarca bondoso, liberal, amante das ciências e das letras. Clichês que se assentam na imagem de um homem idoso, barbas brancas e olhar no infinito, tal como aparece nos compêndios escolares. Machado de Assis, porém, soube defini-lo em rápidos traços: um homem lhano, probo, instruído, patriota, que soube fazer do sólio uma poltrona, sem lhe diminuir a grandeza e a consideração (LG)"</i> .
20. Fonte da nota	VAINFAS, Ronaldo (Org.). <i>Dicionário do Brasil Imperial</i> . Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 201.

compreenda e estabeleça relação entre o sinal e o conceito do termo. Após a “aprovação”, esse sinal-termo está pronto para ser usado e inserido no conjunto de sinais-termo de especialidade pertencente à LSB.

O SIGNO, O SENTIDO E A IMAGEM

Para melhor compreender essa sobre as contribuições das imagens históricas e os sinais-termo na LSB é importante compreendermos que, de acordo com Delbecque (DELBECQUE, 2008, p. 17) “A língua não é simplesmente uma ferramenta de comunicação, ela também reflecte a percepção do mundo vigente em cada comunidade cultural”.

As imagens adotadas para esta análise transmitem ou reproduzem um acontecimento a ela contemporâneo, no caso do (1) retrato de *d. Pedro I*, de Arnoud Julien e (2) fotografia de *d. Pedro II*, de Marc Ferrez. Já a (3) *Independência ou Morte* de Pedro Américo, foi finalizada 66 anos após a Independência do Brasil. Há relevância em esclarecer o pano de fundo da criação dessas obras devido à unidade de sentido que existe entre o “antes” e o “depois” dos acontecimentos desses eventos. Estudos apontam que a Independência do Brasil se deu por um ato político documental e não um movimento revolucionário como aponta a obra de Américo. Para tanto,

Não vale sugerir uma verdade por trás da foto, concebida sempre como falsa consciência, numa concepção de ideologia ultrapassada. Há de se pensar a imagem fotográfica como uma representação, como suporte de relações

sociais cujas narrativas definem a historicidade do próprio ato que a funda³.

Dessa forma, o que nos é caro do ponto de vista semântico é o conceito histórico que há no evento. Todavia, no que tange as imagens históricas, seus acontecimentos e o seu valor textual, nem sempre existirá uma relação cronológica natural.

Nas obras-retrato de Ferrez e Julien, vale outra importante consideração: embora haja uma cronologia natural, ou seja, a obra ser contemporânea há seu tempo, elas ilustram retratos de personagens históricos e não necessariamente acontecimentos passados. O que se busca nas imagens históricas é “fazer da sucessão do tempo histórico o fio condutor da representação, de modo a tornar possível a narração dos eventos da política, da diplomacia e das guerras, nacionais ou civis, na irreversibilidade de seus decursos” (KOSELLECK, 2006, p. 134).

Para a contextualização da pesquisa realizada, houve a necessidade de se criar um sinal-termo para Imagens históricas, pois, assim como a História narrada ou escrita, elas trazem também um significado histórico importante: “toda história revela que seu ponto de partida, seus grandes momentos, suas peripécias, suas crises e seu fim são inteligíveis também para os atores participantes” (KOSELLECK, 2006, p. 135).

3 MUAD, Ana Maria. Foto-Ícones, a História por detrás das Imagens? Considerações sobre a narratividade das imagens técnicas. In: *Imagens na História*. RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela & PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. pp. 199.

D. Pedro I

Manuel de Araújo Porto-Alegre



D. Pedro I

Óleo sobre tela, de Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-1879), 1826, 1 123 x 940 mm.

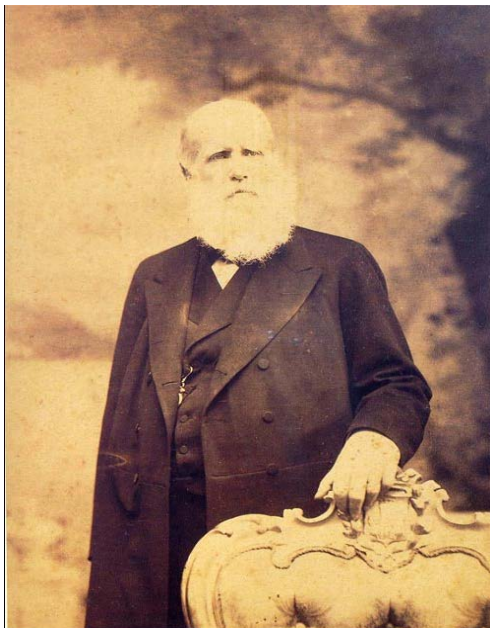
D. Pedro I

Simplício Rodrigues de Sá



D. Pedro I

Francesco Pesce



Fotografia de D. Pedro II
Fotografia, circa 1888, 520 X 370 mm.

Pedro Américo



Fala do Trono (1872)

Pedro Américo

*O Grito do Ipiranga (1888)*

Óleo sobre a tela, 415 cm × 760 cm, Museu Paulista da USP.

Do ponto de vista linguístico, as Imagens históricas são ícones que sustentam sentidos interpretativos, pois, segundo Peirce (PEIRCE, 2000, p. 46), “Um signo, ou *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém”. A palavra ícone vem do grego e quer dizer *imagem*, *signo*, *símbolo*, assim sendo, “quando representamos algo por meio de uma imagem, estamos utilizando um ícone” (SILVA, 2003). O ícone “é um signo que se refere ao objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui quer um tal objeto realmente exista ou não” (PEIRCE, 2000, p. 52). Ainda para o autor, o *representâmen* é o signo primeiro, pode-se dizer que é o signo tal como o objeto - no caso as Imagens Históricas - que é a representação do signo e o interpretante a compreensão que interpreta o signo, isto é, o seu significado. Para Peirce, “interpretante” é todo signo que reproduz outro signo produto da mente.

Por conseguinte, é preciso acentuar que os sinais na LSB são parte também de um sistema de signos,

que se forma pelos estímulos visuais imagísticos, pois, segundo Delbecque (DELBECQUE, 2008, p. 17) “a língua é um sistema de comunicação e, como qualquer sistema de comunicação, serve de sinais”. A LSB, por ser uma língua de modalidade visual-espacial, motiva um tipo de iconicidade cognitiva: o signo interpretante produto da mente. Para Peirce (PEIRCE, 2000, p. 52) *apud* Silva (SILVA, 2003),

O símbolo “é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de idéias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto”. Vezes e vezes, o objeto não parece com sua representação; a associação do signo ao objeto geralmente é instituída ao longo do tempo, por meio de uma assimilação cultural.

Concordo com Silva (SILVA, 2003) ao defender que teoria do signo em Peirce é uma “renovação de tudo o quanto já foi discutido e teorizado em relação ao assunto, pois, a ideia do signo pelo signo e do significante” que tem “certo significado fica obsoleta quando Peirce analisa o *representâmen* segundo as suas relações

triádicas: o *representâmen*, o *objeto* e o *interpretante*".

No universo cognitivo, os objetos de conhecimento tecnológico (elementos de estruturas funcionais, operações e processos) são específicos de uma realidade manufaturada, um mundo de artefatos, planos e objetivos funcionais. A terminologia da História do Brasil em LSB objetiva operar no mundo e no "ambiente material da espécie humana, e não, como no caso da epistemologia da lei ou das ciências (e suas respectivas terminologias) para organizar a sociedade nem para entender os fatos da 'realidade'" (REY, 2007, p. 325), mas principalmente, estar disponível para resolver questões práticas e objetivos funcionais.

NOVOS TERMOS NA LSB

Foram apresentadas aos surdos as imagens de retratos de *D. Pedro I* e *D. Pedro II*, em seguida, o conceito histórico dos dois imperadores do Brasil. Observou-se que a duas relações conceituais: a primeira sobre a pessoa do imperador e a segunda sobre a figura do imperador. Assim, criou-se um sinal-termo composto de dois sinais, um para a pessoa de *D. Pedro I* e o outro para nomeá-lo imperador. Segundo Grannier & Felten (GRANNIER; FELTEN, 2012), "os sinais próprios de pessoa em línguas de sinais corresponde a nomes próprios de pessoa de línguas orais" e o sinal "legitima o indivíduo de acordo com a maneira como ele é visto pela comunidade surda. Com esse processo, ele passa a ser representado por um sinal criado conforme as regras da LSB" e do valor conceitual, quando o sinal se referir a uma pessoa com valor e importância histórica, no caso dos imperadores

Pedro I e Pedro II conforme vemos nas imagens (6) e (7).

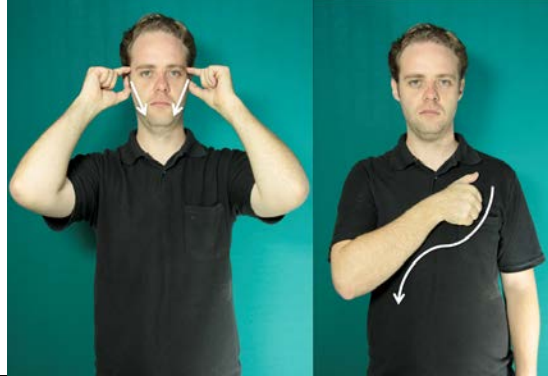
Nesses dois sinais, *D. Pedro I* é reconhecido pelo seu cavanhaque e *D. Pedro II* pela sua barba: "Sua majestade traz a aparência diferente, até suas barbas estão mais e mais formadas"⁴. De acordo com Schwarcz (SCHWARCZ, 1998, p. 87), "Peça de iconografia política, tal qual a murça e o manto, a barba do imperador transformou-se em elemento destacado na sua representação". Em seguida, a faixa com as cores da coroa no traje militar utilizada pelos imperadores, possui movimento ondular com os numerais *I* e *II*, ordem sucessiva da família real por possuírem o mesmo nome.

Já no sinal de *Independência do Brasil* (8), percebeu-se uma arbitrariedade entre o conceito do "movimento político elitista para a ruptura com Portugal" (DEL PRIORE, 2010. p. 164) e o significado semântico existente na obra de Pedro Américo (5), pois a independência brasileira não se deu por um movimento popular ou uma revolta contra a metrópole, como apresenta a obra *O Grito do Ipiranga*, mas por um movimento estritamente político que envolveu poucos personagens. Segundo Gomes (2010, p. 18),

Foi, portanto, como um simples tropeiro, coberto pela lama e a poeira do caminho, às voltas com as dificuldades naturais do corpo e de seu tempo, que D. Pedro proclamou a Independência do Brasil. A cena real é bucólica e prosaica, mais brasileira e menos épica do que a retratada no quadro de Pedro Américo. E, ainda assim, importantíssima. Ela marca o início da história do Brasil como nação independente.

4 Paulo Barbosa, Coleção Tobias Monteiro, FBN.

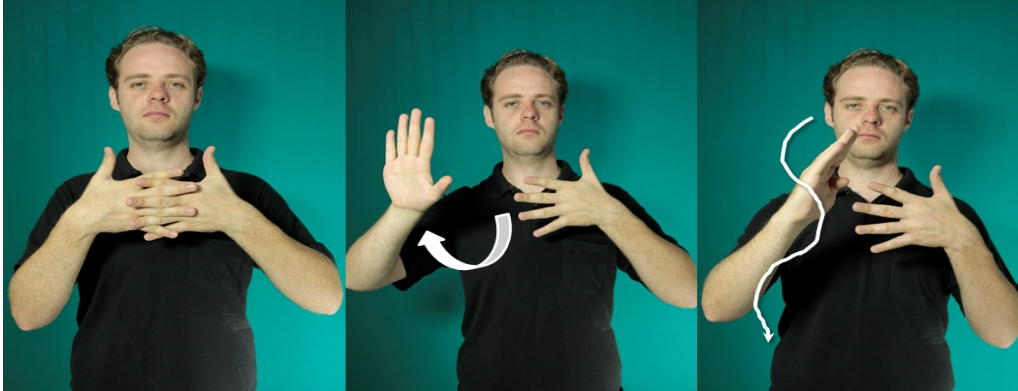
(6) D. Pedro I



(7) D. Pedro II



(8) Independência do Brasil



(9) Imagens Históricas



Ao analisar as imagens na história sugeridas para este trabalho, houve a necessidade de pensar em um sinal para o termo *Imagens Históricas*, afinal, elas transmitem, de acordo com Pesavento (PESAVENTO, 2008, p. 19), uma espécie de testemunho sobre o passado, a possuir um conceito quando nos referenciarmos aos “traços visíveis daquilo que teve um dia (...), um sintoma ou um rastro, constituindo como que uma pegada ou impressão de vida e energia deixada pelo passado”.

O sinal-termo para Imagens Históricas revela ao surdo e possui os movimentos inclinados na ideia da procura dos “traços” ou “impressão de vida” deixada pelo passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões apontadas entre os signos linguísticos e as imagens históricas vêm expor uma relação icônica cognitiva mais elaborada com os signos simbólicos existentes na LSB do que simplesmente um padrão existente entre o “gesto e o significado”, como aponta Delbecque (DELBECQUE, 2008, p. 21) quando a denominada “linguagem dos surdos”. A LSB é capaz de absorver o conteúdo conceitual criado na língua oral e estabelecer uma forma substancial correspondente para a língua de sinais, isto é, um sinal-termo lexicalizado, pois, a LSB possui artefatos de uma língua natural, uma vez que “a terminologia sempre tem que se basear no léxico e na morfologia de uma dada língua” (REY, 2007, p. 330). Nesse sentido, a LSB oferecer aos falantes da língua produtividade suficiente para resolver questões lexicais como a criação de novos sinais,

pois, se é “a língua que fornece os termos também é frequentemente uma língua natural”.

A Língua de Sinais Brasileira é uma língua que está em formação e tem ganhado ascensão no cenário político e educacional brasileiro, assim, a participação do sujeito Surdo tem aumentado nas diversas áreas sociais e exigindo da língua competências linguísticas que lhe proporcione uma comunicação cada vez mais integrada e articulada com as diferentes esferas sociais.

A representação social adquirida pela coletividade brasileira sobrevivida de seu desenvolvimento no espaço e no tempo permite ao sujeito compreender a dimensão da sua própria história. Segundo Raymond Aaron (AARON, 1998, p. 10), “A consciência do passado é constitutiva da existência histórica. O homem tem realmente um passado a que ele tem consciência introduz a possibilidade do diálogo e da escolha”. Essa consciência é adquirida ao longo do tempo em nossas experiências particulares e, sobretudo, na Educação Básica na disciplina de História. Esses sinais-termos contribuirão para a formação dos alunos surdos que estão matriculados na rede de ensino e que queiram compreender que o indivíduo é resultado desse processo histórico, dessa forma, a LSB deve oferecer acesso a esse conhecimento.

Além do fim proposto para esta pesquisa, fica evidente que o conteúdo semântico contido nas *Imagens Históricas* mantém níveis diferenciados de relações entre o evento histórico representado e o seu conceito, seja ele no apenas no nível icônico ou no nível ideológico, ou seja, aquilo que

foi propositalmente construído e manipulado, mas sem deixar as suas contribuições relevantes, como sugere Molinuevo (MOLINUEVO, 2002, p. 44) quando afirma que “somos história, somos memória, somos imagens” ou Agaben (AGABEN, 2004, p. 39), que “somos bancos de imagens vivos - colecionadores de imagens - e uma vez que as imagens entram em nós, elas não param de se transformar e de crescer”.

Sabe-se que os resultados desta pesquisa interdisciplinar aqui apresentados são o começo dos estudos conduzidos no Centro Lexterm e no LabLibras na UnB e deverão ser detalhados, pois a terminologia da História do Brasil é muito extensa e exige um estudo ainda mais elaborado no que tange os conceitos de termos mais abstratos. Com base nessas ideias, conduzimos nossa investigação, com vistas a que a compreensão da história pelos estudantes surdos possa ser feita pelos recursos que a LSB oferece.

REFERÊNCIAS

- AARON, Raymond. Dimension de la consciencia historique. Paris, Plon, 1998.
- AGAMBEM, Giorgio. Image et mémoire. Escrits sur l'image, la danse et le cinema. Paris: Desclée de Brouwe, 2004.
- DEL PRIORE, Mary. Uma Breve História do Brasil. São Paulo: Editora Planeta, 2010. p. 164.
- DELBECQUE, Nicole. Linguística cognitiva: compreender como funciona a linguagem. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.
- FAULSTICH, Enilde. Glossário de Termos Empregados nos estudos da Terminologia, da Lexicografia e da Lexicologia. Inédito, Centro Lexterm, UnB, 2011.
- FAULSTICH, Enilde. Metodologia para Elaboração de Dicionários, Glossários e Léxicos, com Modelo de Fichas de Terminologia e de Verbete. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP - IL - UnB: Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm), Brasília, 2014.
- GRANNIER, Daniele & FELTEN, Eduardo F. Criação de Sinais Próprios de Pessoa na Língua de Sinais Brasileira. UnB: ProIC/2012 (manuscrito). .
- KOSELLECK, Reinhardt. Futuro passado. Contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.
- MOLINUEVO, José Luis. La experiência estética moderna. Madri: Síntesis, 2002.
- MUAD, Ana Maria. Foto-Ícones, a História por detrás das Imagens? Considerações sobre a narratividade das imagens técnicas. In: Imagens na História. RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela & PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- PEIRCE, Charles S. Semiótica. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- PEIRCE, Charles S. Semiótica e Filosofia. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- REY, Alain. A Terminologia entre a experiência da realidade e o comando dos signos. In: As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, volume III. Aparecida Negri Isquerdo & Ieda Maria Alves (Orgs.). Campo Grande, MS: Ed. UFMS. São Paulo: Humanitas, 2007.
- SILVA, Antônio Carlos da. As teorias do signo e as significações linguísticas. Revista Partes, São Paulo, n.39, Ano III, novembro de 2003. Disponível em:
<http://www.partes.com.br/ed39/teoriasignosreflexaoed39.htm>. Acesso em: 28 de setembro de 2014.